

Rosa Amaral Ramos

**PROCESSO DE LEGITIMAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS: ESTUDO DE CASO DE UM PROJETO DE EJA DE UMA  
INSTITUIÇÃO FEDERAL DE ENSINO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Orientador: José Ângelo Gariglio

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional  
Universidade Federal de Minas Gerais

2010

## **DEDICATÓRIA**

Dedico meu trabalho a todos os alunos da Educação de Jovens e Adultos do Centro Pedagógico que muito me ensinaram e me ajudaram a tornar possível esse estudo.

## **AGRADECIMENTOS**

- Agradeço primeiramente aos meus pais Clarence e Regina, por serem os principais responsáveis pela minha educação, e permitirem o sonho de me formar em um curso superior.
- Agradeço à minha avó Ignez, por estar sempre presente em todos os momentos da minha vida, ajudando no que for possível.
- Agradeço aos meus demais familiares, por estar sempre me apoiando e torcendo por mim.
- Agradeço aos meus amigos da faculdade, que tornaram esse percurso mais leve e divertido.
- Agradeço ao Colégio Santo Antônio, pela minha formação, e por permitir o meu retorno, possibilitando que eu continuasse aprendendo com ele.
- Agradeço ao Projeto de Educação de Jovens e Adultos do Centro Pedagógico, que possibilitou a realização dessa monografia.
- Agradeço ao meu orientador José Ângelo pela paciência e dedicação.

*"O professor disserta sobre ponto difícil do programa.  
Um aluno dorme,  
Cansado das canseiras desta vida.  
O professor vai sacudi-lo?  
Vai repreendê-lo?  
Não.  
O Professor baixa a voz,  
Com medo de acordá-lo."*

Carlos Drummond de Andrade

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo investigar a forma como os alunos do Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos 2º Segmento (PROEF 2), residente no Centro Pedagógico da UFMG, vivenciam e compreendem as aulas de Educação Física, no Projeto denominada de Expressão Corporal. A pesquisa foi feita a partir de relatos dos próprios alunos e da minha experiência como docente no Projeto, dialogando sempre com um suporte teórico. Foram utilizados questionários e entrevistas e a análise de dados foi orientada pelo referencial teórico. A Educação Física é garantida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação como conteúdo obrigatório na Educação Básica, o que inclui a Educação de Jovens e Adultos, mas é facultativa para alunos em diferentes condições. Nesse sentido, compreendo que a lei respalda uma concepção de Educação Física que torna difícil a aceitação e legitimação da disciplina na modalidade de ensino. Busco portanto desmitificar algumas formas de compreender a Educação Física, discutindo sobre sua presença e importância para os alunos da EJA. Acredito que os resultados podem auxiliar docentes e estudiosos a realizar uma prática consistente e significativa para um público que demanda uma educação tão diferenciada.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos. Educação Física. Centro Pedagógico.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	07
1.1 Sobre o projeto de ensino fundamental de jovens e adultos 2º segmento (PROEF 2) .....	08
<b>2. JUSTIFICATIVA</b> .....	10
2.1 A Educação de Jovens e Adultos.....	10
2.2 A legitimação da Educação Física.....	12
2.3 A Educação Física na EJA.....	13
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	15
<b>4. RESULTADOS</b> .....	17
4.1 Os questionários .....	17
4.2 As entrevistas.....	20
<b>5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	23
5.1 A importância de ser aceito .....	23
5.2 A Educação Física no PROEF 2 .....	26
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	33
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	35
<b>ANEXOS</b> .....	38

## 1. INTRODUÇÃO

Nesse estudo busco compreender a forma como os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola referência da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) vivenciam as aulas de Educação Física.

Meu interesse em aprofundar meus estudos na Educação de Jovens e Adultos começou no ano de 2009, quando, no 5º período da faculdade, assumi a monitoria de Educação Física do Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos da UFMG 2º Segmento (PROEF 2).

No Projeto a disciplina recebe o nome de Expressão Corporal, pois abarca a Educação Física, o Teatro e a Música, dependendo da área dos monitores selecionados. Nesse ano, éramos duas monitoras da Educação Física e um monitor do teatro. Oito turmas foram distribuídas, e eu fiquei responsável pelas quatro turmas iniciantes.<sup>1</sup>

Entre os alunos das turmas iniciantes, havia alguns que já estavam estudando no ano anterior no Projeto de Ensino Fundamental 1º Segmento (PROEF 1)<sup>2</sup>, mas a maioria dos sujeitos estava retornando à escola naquele ano e depois de muito tempo longe da cultura escolar. Ao perguntá-los, muitos revelaram não esperar encontrar aulas de Educação Física nesse seu retorno, e logo percebi que teria um desafio pela frente.

Nas primeiras aulas percebi uma resistência dos alunos à realização das atividades práticas, e comecei a me questionar do por quê. Será que tais sujeitos não se sentem capazes de realizar as práticas? Será que os sujeitos se sentem envergonhados? Será que a aula não está fazendo sentido para eles?

Ao longo do ano fui conquistando meu espaço e os alunos, que passaram a participar e interessar mais pelas aulas, mas continuava me questionando sobre a presença da Educação Física no curso, e o sentido que tal disciplina fazia ou não para aqueles jovens e adultos.

---

<sup>1</sup> O PROEF 2 é pensado para três anos, onde as turmas recebem o nome de Iniciante (primeiro ano), Continuidade (segundo ano) e Concluinte (terceiro ano).

<sup>2</sup> Destinado à alfabetização de Jovens e Adultos. Projeto residente na Faculdade de Educação da UFMG.

Em 2010, com mais amadurecido e experiência, permaneci no projeto e assumi novamente as turmas iniciantes, dessa vez três, e os questionamentos continuaram.

Buscando compreender melhor a importância da Expressão Corporal para a Educação de Jovens e Adultos, decidi realizar essa pesquisa com os alunos do PROEF 2, de modo a qualificar o trabalho dos futuros monitores e legitimar a presença da disciplina no Projeto.

### 1.1. Sobre o projeto de ensino fundamental de jovens e adultos 2º segmento (PROEF 2)

O Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos 2º Segmento (PROEF2), integra, juntamente com o PROEF 1 e o PEMJA (Projeto de Ensino Médio de Jovens e Adultos), o Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos da UFMG, coordenado pelo NEJA<sup>3</sup>, da Faculdade de Educação.

Enquanto o PROEF 1 visa a alfabetização de jovens e adultos, o PROEF 2 é voltado para o Ensino Fundamental. Dividido em três anos, o projeto atende aos funcionários da UFMG e aos jovens e adultos da comunidade externa. A avaliação no processo e o certificado de conclusão são emitidos pelas escolas de Educação Básica da UFMG (Centro Pedagógico e Coltec), onde ocorrem as aulas do PROEF 2 e PEMJA.

Composto por docentes e discentes das diversas unidades da UFMG, o Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos surgiu em 1986, com a criação do Projeto Supletivo do Centro Pedagógico, que doze anos mais tarde se tornou o PROEF 2.

Abrangendo diversos projetos de extensão, ensino e pesquisa, o programa tem por objetivo a escolarização de jovens e adultos e a formação de educadores. Todos os professores são estudantes dos diversos cursos de licenciatura da UFMG, que recebem uma bolsa de monitoria, e são orientados por professores da universidade. Semanalmente ocorrem reuniões entre os monitores e os coordenadores do projeto, além de palestras e fóruns de discussões a respeito da

---

<sup>3</sup> Núcleo de Educação de Jovens e Adultos

Educação de Jovens e Adultos e as diversas temáticas que perpassam a modalidade de ensino.

A cada ano, o Programa atende cerca de 500 alunos e 52 estudantes<sup>4</sup> distribuídos entre o PROEF 1, PROEF 2, e PEMJA.

A Educação Física é uma disciplina que está presente apenas no PROEF 2, recebendo o nome de Expressão Corporal. Segundo a coordenadora do Projeto essa foi a forma encontrada para a existência de um espaço na grade curricular que pudesse ser ocupada pela Educação Física e pelo Teatro.

Como os monitores só podem ficar dois anos no Projeto, há uma constante renovação na equipe de professores, e a oferta das disciplinas de Expressão Corporal depende da seleção dos bolsistas. Para a coordenadora é importante que os alunos que permanecerem os três anos no PROEF 2 tenham contato tanto com o Teatro, quanto com a Educação Física, e se houver a oferta, com a Música também.

---

<sup>4</sup> Informações retiradas do site: <http://www.fae.ufmg.br/neja/>.

## 2. JUSTIFICATIVA

### 2.1 A Educação de Jovens e Adultos

A EJA, Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de Educação que visa oferecer o Ensino Básico para pessoas que não estão mais em idade escolar ou não tiveram a oportunidade de tê-la. São pessoas que normalmente trabalham durante o dia e tem o período da noite para se dedicar aos estudos, além de, muitas vezes, serem responsáveis também pelas tarefas em casa.

Pode-se pensar que a EJA surgiu no Brasil quando os primeiros colonizadores aqui chegaram, pois o processo de catequização instituído pelos jesuítas já era uma forma de se letrar a população indígena aqui residente.

Desde então, o país passou por diversas transformações, políticas e sociais e econômicas, que tiveram reflexos na Educação. Dessa forma, A EJA também se encontra atada a essas transformações que marcaram fases da história do Brasil.

Segundo Lopes e Sousa (2005)

A Constituição de 1934 estabeleceu a criação de um Plano Nacional de Educação, que indicava pela primeira vez a educação de adultos como dever do Estado, incluindo em suas normas a oferta do ensino primário integral, gratuito e de frequência obrigatória, extensiva para adultos. (p.3)

Um pouco mais a frente, em 1947, o MEC promoveu a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), que atuou nas grandes cidades e no campo. Esta Campanha tinha duas estratégias: os planos de ação extensiva, para a alfabetização de grande parte da população, e os planos de ação em profundidade, visando a capacitação profissional e atuação junto à comunidade. Seu objetivo não era apenas o de alfabetizar, mas também aprofundar o trabalho educativo. Enquanto na cidade seu objetivo era a preparação de mão-de-obra alfabetizada para atender às necessidades do contexto urbano-industrial vigente até então, na zona rural, seu objetivo era fixar o homem no campo, além de beneficiar também os imigrantes (e, conseqüentemente, seus descendentes) nos Estados do Sul do país.

Nesse sentido Vieira (2004, p.19-20) afirma que “Apesar de, no fundo, ter o

objetivo de aumentar a base eleitoral (o analfabeto não tinha direito ao voto) e elevar a produtividade da população, a CEAA contribuiu para a diminuição dos índices de analfabetismo no Brasil”

Na década de 60 surgiram inúmeros movimentos em prol da democratização da educação básica tais como: Movimento de Educação de Base (MEB), da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); Movimento de Cultura Popular do Recife, iniciado em 1961; Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes (UNE); Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, da Secretaria Municipal de Educação de Natal; Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura, em 1964. Além da existência desses movimentos, começava a surgir uma nova proposta de alfabetização de adultos, tendo Paulo Freire como principal referência.

Freire (1996) traz uma pedagogia fundamentada na autonomia e libertação do indivíduo, de modo que este não aprenda apenas a ler e escrever, mas que participe da construção do conhecimento, tenha seus saberes anteriores valorizados e desenvolva uma consciência crítica da sociedade em que está inserido.

“Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996. p.47)

Em 1967, ainda sob a ditadura e com Freire isolado, surgiram as ações do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que visava extinguir o analfabetismo no período de dez anos.

Foi implantado então, o ensino supletivo no Brasil, no ano de 71, que marcou significativamente a história da EJA. A Lei nº 5.692/71 estabelecia como função do supletivo “suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não tenham concluído na idade própria” (Art. 24).

O MOBREAL não alcançou seus objetivos e com o fim dos governos militares, em 1985, foi substituído pela fundação EDUCAR.

Esse processo de redemocratização tornou possível a ampliação das atividades da EJA. Com a elaboração da nova Constituição de 1988, o direito ao ensino fundamental foi estendido também a jovens e adultos que não puderam estudar.

Em 1990 a Fundação EDUCAR foi extinta e as atividades da EJA passaram a

ser responsabilidade dos Estados e Municípios, até o ano de 2003. Com o governo do presidente Lula a erradicação do analfabetismo passou a ser prioridade, surgindo inúmeras ações para a sua realização.

É preciso que essa modalidade de ensino receba cada vez mais e mais atenção dos governantes e dos estudiosos, pois atende a um público com características muito específicas que demandam uma educação diferenciada.

“[...] a função reparadora deve ser vista, ao mesmo tempo, como uma oportunidade concreta de presença de jovens e adultos na escola e uma alternativa viável em função das especificidades sócio-culturais destes segmentos para os quais se espera uma efetiva atuação das políticas sociais. É por isso que a EJA necessita ser pensada como um modelo pedagógico próprio a fim de criar situações pedagógicas e satisfazer necessidades de aprendizagem de jovens e adultos.” (PARECER CEB nº 11/2000)

## 2.2 A legitimação da Educação Física

A Educação Física enquanto componente curricular já passou por diversas fases e formas de ser compreendida ao longo da sua história.

Segundo Soares (1996, p.8) a Educação Física escolar tem suas raízes na Europa de fins do século XVIII e início do século XIX, onde assumia o nome Ginástica. Esta possuía um viés da saúde, sendo responsável por corrigir vícios posturais e um caráter disciplinar, fundamental para a ordem na nova sociedade industrial.

Esses modelos europeus influenciaram o mundo ocidental para a Educação Física moderna sob dois pontos contraditórios (BETTI, 1991): do pensamento pedagógico dos educadores que valorizavam o individualismo humano; e do nacionalismo político, cuja educação era pautada por um ideal nacional e o indivíduo a serviço da nação, aliado ao militarismo, preocupado em treinar o povo fisicamente para a guerra.

A Educação Física no Brasil conservou durante um bom tempo a influência dos modelos ginásticos europeus, e ainda é marcada por eles, sendo por muitas vezes difícil subverter diversas lógicas constituídas e fundamentadas neste período. Para Bracht (2009, p.45), por exemplo, é possível encontrar ainda em manuais

atuais de Educação Física algo muito próximo do Modelo Francês, onde o guia oferecia todas as informações para a realização da aula, e esta era sempre “dividida em três momentos: seção preparatória, a lição propriamente dita e a volta à calma”.

A partir da última década do século XIX, o termo Ginástica começa a dar lugar ao “Educação Física”, com um conteúdo predominantemente de natureza esportiva “A abrangência anterior perde terreno para a aula como lugar do treino esportivo e do jogo esportivo como conteúdo senão único, certamente predominante.” (SOARES, 1996, p.9).

Posteriormente a Educação Física passa por um período onde ela perde sua especificidade, sendo compreendida e como um “meio para”. Um meio para as crianças desenvolverem a coordenação motora, um meio para a formação integral dos alunos, apenas um meio. Sustentada pelo discurso da Psicomotricidade ela deixa de lado seu conteúdo e passa a servir à escola.

Na década de 80 e 90, porém, começam a surgir debates e estudos a cerca da legitimidade da Educação Física na escola e teorias como a “crítico-emancipatória” (KUNZ, 1994) e “crítico-superadora” (COLETIVO DE AUTORES, 1992) surgem com propostas de uma Educação Física que tem conteúdo e que deve ser reconhecida como uma disciplina como outra qualquer.

A Educação Física já é legitimada e reconhecida como pertencente ao currículo escolar, mas ainda há diferentes formas de compreendê-la e ensiná-la, de acordo com a proposta do professor e da escola.

Concordo com Bracht quando coloca que “[...] nosso objeto de ensino não é natural, mas sim, construído pelo homem, fazendo parte do universo da cultura humana.”. A escola enquanto espaço de transmissão e ressignificação da cultura e dos conhecimentos já produzidos, tem o dever de ensinar a cultura corporal de movimento e possibilitar que os alunos vivenciem e reflitam sobre a prática. Inclusive os alunos da EJA.

### 2.3 A Educação Física na EJA

A inserção da Educação Física enquanto componente curricular da Educação de Jovens e Adultos é um debate recente que ainda enfrenta dificuldades para a sua legitimação.

A Lei de Diretrizes e Bases de 1996 decretou a Educação Física como obrigatória para a Educação Básica, mas facultativa na Educação de Jovens e Adultos. No entanto, isso foi modificado com a LEI N° 10.793, de 1º de dezembro de 2003, que torna obrigatório à escola ofertar a disciplina, que será facultativa aos alunos nas seguintes condições:

I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;

II – maior de trinta anos de idade;

III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física;

IV – amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969;

V – (VETADO)

VI – que tenha prole.

Apesar das modificações podemos perceber que a lei leva em consideração uma concepção de Educação Física baseada nas habilidades e capacidades físicas do praticante, não sendo possível seu ensino para aqueles que estereotipadamente teriam restrições às vivências práticas.

Assim como Oliveira (2009) acredito que o aluno da EJA, independente da sua condição de trabalhador ou de adulto, tem o direito e a capacidade de aprender e vivenciar o conteúdo ensinado pela Educação Física, que não é exclusivamente prático, sendo que o professor tem o dever e a obrigação de adequar as aulas às características da turma e pensar estratégias para que todos possam participar.

### 3. METODOLOGIA

Para este trabalho escolhi realizar um estudo de caso, de cunho qualitativo. Segundo Goldenberg (2007):

O estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um *todo*, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos. (p.33)

Para tal, foram aplicados 80 questionários para os alunos das turmas concluintes e em continuidade do PROEF 2, sendo que 6 não foram retornados. Os questionários continham oito perguntas discursivas a respeito da visão dos alunos sobre a presença da disciplina Educação Física, denominada de Expressão Corporal, no seu retorno à escola.

Depois de ter sido escrito, revisado e corrigido, o questionário foi submetido a um procedimento de teste para verificar se as perguntas foram corretamente elaboradas de modo a alcançar respostas úteis para uma análise de dados. Para tal, foi aplicado o questionário a três alunos das turmas iniciantes, que não faziam parte da amostra estudada. A partir daí, fez-se adaptações e modificações até chegar ao questionário final.

Os questionários foram aplicados pelos professores de Inglês e História, que gentilmente cederam suas aulas para tal. Não foi preciso identificar-se, apesar de que alguns alunos o fizeram.

Para as entrevistas, foram escolhidos três alunos com idade acima de 55 anos e três alunos com idade entre 25 e 40 anos. O objetivo dessa escolha por idades dísparas, foi justamente observar se há diferenças na forma de compreender a Educação Física e a corporeidade por pessoas mais jovens, que ainda trabalham e saíram a pouco tempo da escola, e pessoas mais velhas, que já tem a saúde mais comprometida e há muito não frequentam o ambiente escolar enquanto alunos.

A escolha foi feita por indicação dos professores da Expressão Corporal de alunos envolvidos com o projeto, dispostos a conversar, e com visões interessantes e diferentes a respeito do tema. Assim como o questionário, a entrevista também foi submetida a um procedimento de teste para verificação da sua eficiência. Esse foi realizado com um aluno da turma concluinte que se dispôs a contribuir.

As entrevistas foram realizadas em uma sala desocupada e distante, onde os alunos poderiam ficar a vontade para falar, sem correr o risco de interrupções ou barulhos. A entrevista foi gravada com o consentimento dos entrevistados em um gravador de fita cassete, e transcrita posteriormente.

Busquei informações também com a coordenadora do PROEF 2 e com o professor de teatro das turmas concluintes.

## 4. RESULTADOS

### 4.1 Os questionários

A seguir as perguntas do questionário e as respostas em porcentagem:

1) *Você se sente à vontade nessa escola? Por quê?*<sup>5</sup>

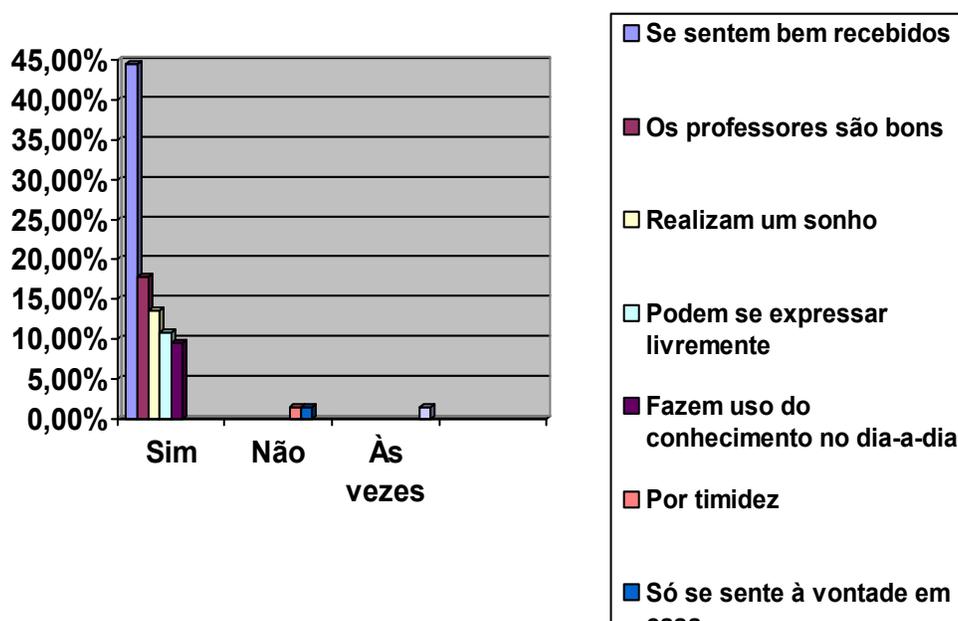


Gráfico 1

3) *Você esperava encontrar a Expressão Corporal (Educação Física e Teatro) no seu retorno à escola? O que você achou disso?*

<sup>5</sup> As justificativas dos alunos foram várias, mas as agrupei pela idéia e todas foram contempladas aqui.

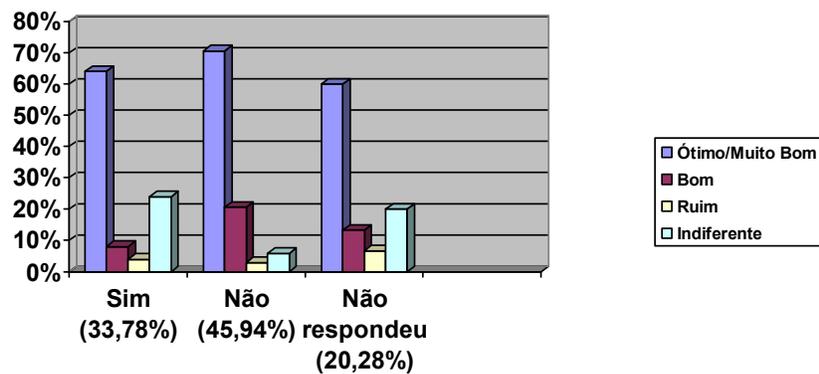


Gráfico 2

4) *Você participa das aulas de Expressão Corporal sempre? Se não, quais os motivos para não participar?*

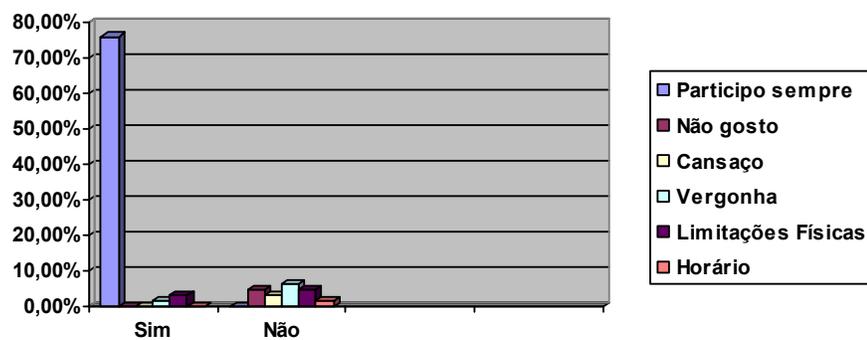


Gráfico 3

5) *Você se sentiria mais à vontade se as aulas de Expressão Corporal ocorressem separadamente para homens e para as mulheres? Por quê?*<sup>6</sup>

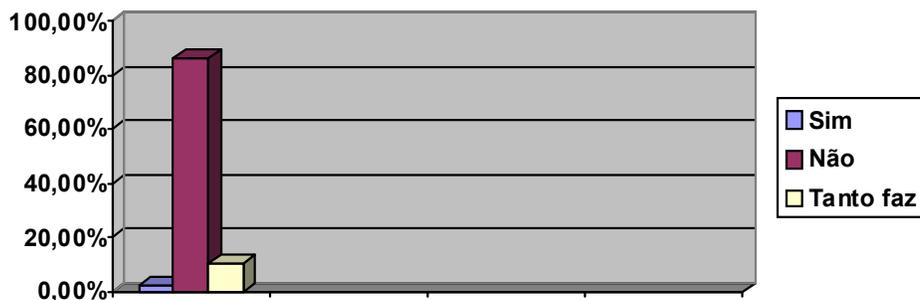


Gráfico 4

7) *Você acha que a Educação Física lhe ajudou a ter uma relação diferente com o seu corpo? Por quê?*

*E o Teatro?*

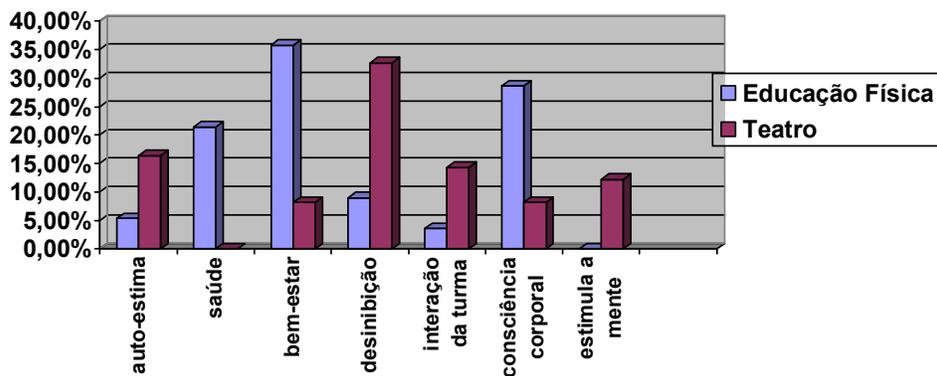


Gráfico 5

<sup>6</sup> Os motivos para justificar as aulas em conjunto foram vários, sempre em torno da importância da convivência e da troca entre os sexos. Já quem disse que deveria ser separado, alegou que sentiria menos vergonha de se expor e que algumas atividades não cabem a mulheres e homens casados.

## 4.2 As entrevistas

Foram entrevistados três alunos com idade acima de 55 anos e três com idade entre 25 e 35 anos. A escolha dos alunos se deu com a ajuda dos professores da Expressão Corporal, que indicaram pessoas dispostas a falar e com visões diferentes e enriquecedoras sobre a presença da disciplina. O objetivo de ter amostras de diferentes idades foi perceber as semelhanças e as diferenças na forma de pensar entre pessoas de mesma faixa etária e de faixa etária diferentes.

Os alunos mais velhos, na faixa acima de 55 anos, são mais deslumbrados com o retorno à escola. Por fazer muito tempo desde sua primeira experiência escolar, estes adultos se surpreendem com a jovialidade e a inovação do ensino do Centro Pedagógico, onde todos os professores são estudantes, e se encantam ao perceber que ainda são capazes de aprender.

“Sou aposentado do INSS. E em 2008..2009 né, tive oportunidade de vir estudar aqui no Proef e ter contato com vocês. O tratamento de vocês aqui, do pessoal do Proef, principalmente pra mim é maravilhoso. Não tenho nada a reclamar. Tanto de professores quanto de colegas...que a gente tem que fazer o ambiente da gente. Dos professores eu fui muito bem tratado. A gente não estudou no passado...que ce sabe, filho de pobre no passado tinha que trabalhar pra ajudar em casa. Então nem sempre tinha oportunidade de estudar. Num tinha facilidade como tem hoje. E ce vê, eu já tô indo pro segundo ano de Proef!” (José Luiz, turma 365)

“Eu fiquei naquele negócio, parei nos estudos né?! Então quando foi aí em 2007, meu marido faleceu, os filhos todos criados, eu já fazia essas atividades lá no SESC, então assim, várias amigas minhas, partiram pra aquele negócio de ficar indo dançar. Eu adoro dançar, mas esse negócio de ficar só enfiada em baile da terceira idade, isso não é vida né?! Também, só isso. Eu queria fazer outras coisas, pensei, pensei..tava com o rádio ligado lá quando eu vi dando do curso aqui né, o EJA. Eu levantei e falei é hoje. É isso que eu vou fazer. Vou completar nem que seja só completar essa parte. Mas num sei, de repente é o caminho que eu vou seguindo. Não vou fazer planos muito longos não porque nessas alturas do campeonato é preferível a gente ir fazendo cada coisa de uma vez. Vou fazendo. Enquanto o caminho tiver aberto pra mim eu vou seguindo!” (Adelina, turma 365)

Os mais jovens são mais inquietos, impacientes, desconfiados. Querem recuperar o tempo que acreditam ter sido perdido com outros tipos de experiência de vida. São ansiosos. Desejam aprender o máximo no menor tempo possível, para conseguir realizar o quanto antes o sonho de um dia arranjar um emprego melhor, e até cursar uma universidade. Mas para eles, quem não estuda a 10, 15 anos, não pode se dar ao luxo de “perder” mais 6 anos até conseguir o tão cobiçado diploma de segundo grau. Por isso que às vezes são tão desconfiados.

Entre os entrevistados de idade mais avançada, a presença da Educação Física na EJA foi muito reconhecida e valorizada.

“Não sabia que teria Educação Física no PROEF 2. Mas gostei, amei! (...) Eu fico compartilhando com meu neto as coisas que eu aprendo. Eu levei aquela peteca que a gente fez aqui pra ele, e ele começou a fazer peteca também, aí depois um dia eles tinha ensinado na escola também peteca, aí ele me ligou: ‘vó, eu to fazendo peteca igualzinha aquela que você me ensinou! Tô fazendo lá na minha escola.’ Então, é muito bom!” (Marilete, turma 68)

“Tinham falado pra gente que ia ter aula de Educação Física, mas eu não tinha idéia de como seria. Mas eu gostei. Eu acho ótimo! Pelo menos pra mim, eu achei ótimo! Eu vejo as colega falando que não vão fazer porque tão com dor num sei aonde e eu falo pra elas que cês tão com essas dor porque cês num fazem atividade física! Umas até aderiram! Ano passado eu fiquei tão empolgada que até falei que ia entrar pra aula, que lá no SESC tem aula de capoeira pra terceira idade né?! Mas eu num pude porque eu tive que ficar olhando o meu neto.” (Adelina, turma 365)

Já entre os mais jovens, essa presença desperta controvérsias. Como a maioria ainda trabalha, muitos chegam cansados e com preguiça de realizar qualquer tipo de atividade. Reconhecem a disciplina como importante mas revelam que às vezes tem preguiça de participar.

“Chego da escola às 23h e acordo às 5h para trabalhar até às 17h. Fico muito cansado, mas quando dá eu participo sempre das aulas! Sinto o meu corpo mais relaxado, mas tem dia que não dá mesmo.” (Valdivino, turma 68)

Há ainda uma dificuldade recorrente entre os jovens de reconhecer a Educação Física como disciplina. Talvez pela ansiedade em aprender, e tirar o diploma, alguns sentem a Expressão Corporal como uma perda de tempo.

“Não me sinto bem com a disciplina de Expressão Corporal. Acho desconfortável e muito fora de propósito. É perda de tempo. Deveria ser substituída por uma disciplina útil.” (‘Alessandro’<sup>7</sup>, turma 365)

“Me sinto ridículo construindo brinquedinhos, aviãozinho e outras coisinhas assim. Não sou uma criança mais. Acho bacana aprender sobre a história dos esportes e tal, mas isso, não vejo sentido nenhum.” (Marcelo, turma 68).

---

<sup>7</sup> O aluno pediu para não ser identificado.

## 5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 5.1 A importância de ser aceito

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que atende a um público em sua maioria marcado por uma trajetória de exclusão, tanto no que diz respeito à sua vida escolar, como na sociedade como um todo. São pessoas que fazem parte das classes sociais mais baixas, marginalizadas e que por motivos diversos não puderam estudar na idade regular. São pessoas que já sofreram preconceito de diversas formas, por serem pobres, por serem negros, por serem analfabetos. Em seu parecer<sup>8</sup> a respeito da Educação de Jovens e Adultos, Cury coloca:

Suas raízes são de ordem histórico-social. No Brasil, esta realidade resulta do caráter subalterno atribuído pelas elites dirigentes à educação escolar de negros escravizados, índios reduzidos, caboclos migrantes e trabalhadores braçais, entre outros. Impedidos da plena cidadania, os descendentes destes grupos ainda hoje sofrem as conseqüências desta realidade histórica. (p. 6)

Ainda no parecer Cury (2000) afirma que o não acesso a certo grau de letramento pode ser um obstáculo para a conquista de uma cidadania plena, uma vez que na nossa sociedade atual a linguagem escrita é muito utilizada e mais valorizada. Dessa forma, aqueles que não a dominam acabam ocupando os cargos mais baixos no mercado de trabalho, aumentando a disparidade e o preconceito.

Cientes dessa situação, muitos adultos retornam à escola dispostos a diminuir essa diferença e se sentir reconhecido e valorizado na sociedade. “Voltei a estudar porque lá na empresa eu não sou nada.” Disse Valdivino, aluno da turma iniciante. Essa fala representa o sentimento de muitos alunos, que vêm na escola uma forma de sair da condição de “oprimidos” (FREIRE, 1970).

---

<sup>8</sup> PARECER CNE Nº 11/2000 - CEB - Aprovado em: 10.5.2000

Para Freire(1970), o sujeito que não é letrado se encontra numa posição de oprimido, refém das escolhas e do interesse do opressor. Para buscar sua libertação, não basta ter o domínio da língua escrita. É preciso ter consciência crítica da sua situação para conseguir transformá-la.

O projeto escolhido para a realização da pesquisa tem a preocupação de fornecer elementos para a libertação desses jovens e adultos, buscando não apenas ensinar o conhecimento escolar, mas conscientizá-los sobre seus direitos e deveres, para que alcancem uma autonomia e uma capacidade de reflexão sobre a sociedade e sobre si mesmo.

Através dos questionários e das entrevistas é possível perceber que os alunos reconhecem e valorizam essa preocupação do projeto, e ressaltam a importância de serem respeitados na escola e na turma, e de se sentirem à vontade e pertencentes àquele espaço. Destaco aqui algumas frases<sup>9</sup> escritas nos questionários que ilustram isso:

“Eu me sinto muito a vontade porque sinto compreendida.”

“Eu me sinto muito a vontade. Porque aqui estou aprendendo coisas novas, descobrindo novas amizades e melhorando minha auto estima.”

“Me sinto a vontade porque não há discriminação.”

“Sim. Porque todos somo adulto e cada um tem sua opinião respeitada.”

“Sim, porque aqui me dão liberdade para me expressar.”

“Sim. Me sinto mais cidadã<sup>10</sup> a cada vez que aprendo na escola os meus direitos.”

---

<sup>9</sup> Todas as frases se referem à primeira pergunta do questionário: “Você se sente à vontade nessa escola? Por quê?”

<sup>10</sup> Cidadã

“Sim, porque os alunos são do mesmos nível que eu, e os professores são gente boas e são jovens”.

“Gosto dos professores e atenção que todos me dispensam.”

Como se pode observar no Gráfico 1, a maioria dos alunos que respondeu se sentir à vontade no Centro Pedagógico justificou dizendo que se sentem bem recebidos, tanto pelos professores quanto pelos colegas. Esse sentimento de acolhimento e de valorização de si mesmo pelos outros, contribui para o aumento da auto-estima desses jovens e adultos, que por tanto tempo se sentiram excluídos da sociedade.

Nesse sentido a Expressão Corporal tem papel fundamental enquanto disciplina da EJA. Reforço os dizeres da proposta curricular elaborada pela Coordenação Geral de Educação de Jovens e Adultos – COEJA (2002):

Ampliar a diversidade de expressão numa sociedade que valoriza intensamente (por vezes exclusivamente) a linguagem escrita e a matemática, para um aluno que não domina muito bem esses códigos – e que, portanto, pode ter uma imagem negativa de si mesmo – é um modo de fortalecer a auto-estima. (p.195)

Como já discutido anteriormente, os alunos da EJA sofreram um processo de exclusão por não dominarem códigos da linguagem escrita e conhecimentos ditos como escolares, colocando-os numa posição de desigualdade e inferioridade para com os demais. Os próprios alunos não reconhecem seu conhecimento anterior como valioso, ou útil para o ambiente escolar. Nesse viés, temos a Expressão Corporal como um espaço privilegiado para a promoção da auto-estima e confiança dos alunos, por trabalhar com outro tipo de linguagem. Esta favorece a expressão de ideias e sentimentos, e parte da história e da experiência de vida dos alunos.

Nos questionários e nas entrevistas tanto a Educação Física quanto o Teatro são colocados como responsáveis por uma melhora na auto-estima dos alunos, na interação com a turma e desinibição.

“Me ajudou (Educação Física) a vencer a dificuldade de chegar às pessoas. Este (Teatro) me mostra que eu posso ousar o quanto eu quiser, porque eu posso!”

“A educação física mi encinou a olhar para mi com carinho.”

“Sim , porque deixa o ego da gente mais elevado e o alto estima melhor.”  
(Refere-se à Educação Física)

“Teatro para mim foi muito bom. Consegui relacionar mais com os colegas pois sou muito tímida.”

“O teatro também é muito bom. A gente fica mais solto e espessa melhor.”

“Sim. Porque aprendo que posso fazer tanta coisa.” (Refere-se à Educação Física)

“O teatro me ajudou a ser mais espontaneo.”

Essas foram algumas respostas à última pergunta do questionário: “Você acha que a Educação Física lhe ajudou a ter uma relação diferente com o seu corpo? Por quê? E o Teatro?”. É claro que as respostas foram várias, e nem sempre positivas, mas me chamou a atenção a quantidade de alunos que escreveu sobre a importância da Expressão Corporal para torná-los mais desinibidos, confiantes em si mesmo e conscientes das suas possibilidades e limites.

Por ser um espaço que possibilita a interação e a convivência da turma, por trabalhar com o corpo e a consciência corporal, e por tratar de saberes que não são, na maioria das vezes, os responsáveis pela exclusão desses alunos, a disciplina de Expressão Corporal tem papel fundamental para os jovens e adultos se sentirem, acolhidos, bem recebidos e valorizados no seu retorno à escola.

## 5.2 A Educação Física no PROEF 2

Quando entrei para o Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos fui informada que a disciplina recebia o nome de Expressão Corporal. Achei bacana pois me permitiria trabalhar em uma perspectiva mais ampla da cultura corporal de movimento, sem precisar me ater à concepção esportivista de Educação Física que

supus fazer parte do imaginário dos alunos. Porém, quando teve início às aulas, percebi que a maioria dos alunos sequer sabia que teriam aulas de Educação Física no seu retorno à escola (GRAF. 2). Quando questionados, porém, sobre sua reação, a resposta foi, na maior parte, positiva.

“Eu não esperava encontrar a Expressão Corporal na escola. Gostei muito! Penso que pode ser uma oportunidade de melhorar meu relacionamento com as pessoas e comigo mesma.”

“Não esperava. É bom para a saúde e bem estar.”

“Eu trabalho minha mente, meu corpo e descobrir coisas nova no meu corpo o quanto é importante.”

“[...] Naquele momento achamos que é uma coisa insignificante, que não vai nós ajudar em nada. Mas com o tempo percebemos que nós ajudou muito. Pelo fato de ser tímida consegui me desenvolver mais dentro e fora da escola”

Alguns alunos, porém, demonstraram resistência com a disciplina.

“Não gosto de nada nessas aulas. Acho que não tem nada haver comigo.”

“Eu acho que deveria ser opcional. Não levo jeito para teatro, prefiro educação física.”

“Acho chato e muito repetitivo.”

Essas falas nos permitem refletir sobre a presença da Expressão Corporal na EJA e a forma como ela deve acontecer de modo que faça sentido para os alunos. Por não contar com as aulas de Educação Física e Teatro, a primeira reação dos alunos é resistência, sendo que o principal motivo para tal é a timidez, a vergonha de se expor para pessoas cujo convívio está apenas dando início.

“Eu não imaginava que no turno teria esta atividade, no início tive muita resistência a participar, por-estar com vergonha das outras pessoas, mas isto é bobagem e gosto muito das aulas.”

“Eu participo de todas as aulas, mas ainda sou muito travada. Pretendo melhorar.”

A princípio pensei que essa timidez pudesse estar ligada também ao fato de a aula ser mista, e que talvez as mulheres tivessem vergonha da presença dos homens e vice-versa. Incluí, então, no questionário, a pergunta: *“Você se sentiria mais à vontade se as aulas de Expressão Corporal ocorressem separadamente para homens e para as mulheres? Por quê?”*. E me surpreendi com a resposta: 86,49% das pessoas responderam que não, e apenas 2,7% responderam que sim<sup>11</sup>.

Como justificativa a maior parte dos alunos defendeu a importância da interação entre a turma, da troca de experiência e do respeito entre os sexos.

Além da timidez, outros motivos são apontados como responsáveis pela resistência à participação às aulas de Expressão Corporal, tais como cansaço e limitações físicas. Por se tratar de um público adulto, em que sua grande maioria trabalha o dia inteiro, esse discurso é muito recorrente, e o professor tem que saber lidar com isso.

[...] vinculam a área a um suposto gasto de energia que os alunos, já exaustos pelo trabalho, não teriam condições de suportar no período noturno. Tal conclusão reflete uma concepção ultrapassada de Educação Física, baseada exclusivamente em parâmetros energéticos e fisiológicos, e desconhece a possibilidade da adequação de conteúdos e estratégias às características e necessidades dos alunos que trabalham. (COEJA, 2002. p. 196-197)

Entendo que é preciso levar em consideração a condição de trabalhadores dos alunos, mas de modo a construir o conhecimento a partir disso e junto com eles, e não para considerá-los incapazes ou sem direito de ter acesso às práticas corporais.

---

<sup>11</sup> Vide Gráfico 4.

Nesse sentido, Oliveira (2009, p.154) aponta a existência de concepções equivocadas de Educação Física que consideram o aluno trabalhador como “desprovido de condições de vivenciar/experimentar suas próprias práticas de jogos, esportes, danças, etc. na escola, uma vez que todas as suas energias teriam sido ‘consumidas’ nos tempos do trabalho”.

Em consonância aos dizeres de Oliveira (2009) e da proposta curricular da COEJA (2002) temos as declarações dos alunos, que relatam a importância das aulas de Expressão Corporal para seu bem-estar, principalmente após um dia de trabalho.

“Quando saio de uma aula eu consigo relaxar.”

“A expressão corporal ajuda me tirar o cansaço do dia dia.”

“Ajudou muito porque as aula são boa para o meu corpo.”

“Tenho muito pouco tempo para voltar para mim mesma. Tenho vivido nas aulas de teatro coisas que nunca vivi é muito legal.”

“Sim, porque já chego cansado do serviço, e com as aulas chego em casa muito melhor.”

“Sim, principalmente que eu sinto uma dor no corpo. Depois da expressão corporal sinto melhor.”

Acredito que antes de negligenciar o ensino da Educação Física aos alunos da EJA, os professores devem levar em consideração sua condição de trabalhadores e bolar estratégias para caminharem juntos e garantir o direito dos jovens e adultos de terem acesso à cultura corporal.

*Teatro x Educação Física*

Como já dito anteriormente, a disciplina Expressão Corporal recebe esse nome para que possa abranger as várias formas de linguagem corporal, tratadas pelas áreas de Educação Física, Teatro, Música e Dança. A cada ano o Projeto recebe inscrições para a seleção de bolsistas das diversas áreas, e a grade é organizada conforme tal seleção. Espera-se que ao longo dos três anos os alunos possam passar por todas as áreas. A coordenadora geral do Projeto disse que o desejo é ter na escola uma diversidade de linguagens, apesar de que, desde a inclusão da Expressão Corporal, só se interessaram alunos da Educação Física e do Teatro. Essa perspectiva da coordenadora vai de acordo com o que consta na proposta curricular organizada pela COEJA (2002):

[...] atrair o convívio do aluno por meio das linguagens da Arte e da Educação Física aponta para o aumento da oferta de canais de expressão para um aluno que nem sempre procura na escola, de imediato, o acesso a esse tipo de conhecimento.

Apesar de estarem compreendidas na mesma disciplina, Teatro e Educação Física são duas áreas distintas do conhecimento que se confluem num objeto comum, o corpo humano, possuindo objetivos e formas de atuação diferentes sobre ele.

O termo Expressão Corporal é um termo genérico que se aproxima das duas áreas sem chegar a abranger ambas por completo. Para Pavis (1999), teórico do teatro, Expressão Corporal quer dizer:

Técnica de interpretação usada em oficina e que visa ativar a expressividade do ator, desenvolvendo principalmente seus recursos vocais e gestuais, sua faculdade de improviso. Ela sensibiliza os indivíduos para suas possibilidades motoras e emotivas, para seu esquema corporal e para sua faculdade de projetar este esquema na sua interpretação. Ela toma emprestadas certas técnicas da *mímica*, do *jogo dramático*, da *improvisação*, mas continua a ser mais uma atividade de despertar e treinamento que uma disciplina artística. (p.155)

Ou seja, seria uma forma de preparar o corpo para a prática teatral. Já na perspectiva da Educação Física, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.38-

40) relacionam a expressão corporal com as atividades rítmicas e expressivas, tais como a dança e as brincadeiras de roda.

Considero válida a intenção de usar o termo para tratar de áreas que lidam com a linguagem corporal, mas é preciso ter consciência que estas são mais complexas e abrangentes do que o mesmo sugere.

Mesmo sem clareza desse diálogo, os alunos percebem e relatam as diferenças entre as duas disciplinas.

“A Educação Física ajudou a valorizar mais a saúde física e mental, enquanto o teatro ajudou a perder a inibição.”

“Sim, porque antes do futebol eu faço meus alongamento para não ter contusões. O teatro é importante pra mim porque agora eu tenho mais facilidade para conviver melhor com as pessoas.”

“Olha como já falei anteriormente Quando fazemos relaxamento me sinto revigorado. Quanto ao teatro o trabalho em equipe mostra muita coisa que não sabia como lidar hoje sinto mais a vontade.”

“A Educação Física me ajuda bastante com meu corpo. O teatro com o meu desenvolvimento na fala.”

De acordo com o GRAF. 5, a Educação Física é mais relacionada à promoção da saúde e do bem-estar, enquanto o Teatro está mais relacionado à desinibição e melhora da auto-estima. Esses dados remetem à especificidade das duas áreas e a forma como os alunos percebem as aulas.

De acordo com a ementa do Teatro<sup>12</sup> para o PROEF 2, este se propõe a trabalhar com jogos teatrais, consciência dos movimentos corporais, fuga dos movimentos cotidianos, trabalhos com a voz, entre outros. E todas essas práticas necessitam, nas palavras do professor de teatro, uma “disponibilidade corporal” dos

---

<sup>12</sup> Anexo 2

alunos, que faz com que eles, de fato, se exponham. “O que pode ser difícil em um primeiro momento, vai se tornando tranquilo para eles, e isso os deixam mais confiantes em si mesmo e mais desinibidos.”

Já a Educação Física, traz como proposta a “apresentação, problematização e vivências das experiências corporais construídas ao longo da história”, abordando o corpo numa perspectiva de possibilidades e limites e vivência prática da cultura corporal de movimento.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha por esse tema se deu a partir de um incômodo levantado durante um ano e meio lecionando no Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos 2º Segmento (PROEF 2), a cerca do reconhecimento e legitimidade da presença de disciplinas como a Educação Física e o Teatro na Educação de Jovens e Adultos. A resistência de alguns alunos, a euforia de muitos, e a desconfiança de outros, me despertava a curiosidade de entender o porquê disso. Como esses alunos vivenciavam essas aulas? O que esses alunos levavam para casa? O que realmente é importante para eles?

Confesso que tive receio que muitos se mostrassem contra a presença da Educação Física em seu retorno à escola. Imaginei que eles aproveitariam o espaço e a abertura que eu estava dando para se manifestar e apelar pela melhor utilização do horário com disciplinas que para eles são consideradas de fato importantes. Me enganei. Felizmente.

O que pode ser observado com os dados recolhidos através dos questionários e das entrevistas, é um interesse e satisfação da maioria dos alunos com a existência da Expressão Corporal no PROEF 2. Os motivos citados foram vários, mas todos confluem para a promoção do bem-estar, a interação da turma, a diminuição da timidez e a consciência dos limites e possibilidades do próprio corpo.

Os poucos alunos que não estão satisfeitos com a presença da Expressão Corporal alegam ser perda de tempo e sem propósito. Acredito que as aulas ainda não fizeram sentido para eles, e por isso não entendem o valor das mesmas. Segundo Freire (1996) é preciso levar em consideração os saberes que os alunos trazem da sua experiência de vida e dialogar com esse conhecimento, aproximando o conteúdo de ensino do universo deles. Dessa forma, os alunos serão sujeitos do seu aprendizado e a escola fará mais sentido para eles.

Para finalizar, entendo que a educação fornecida pela escola deve ser plena, abrangendo conhecimentos tidos como intelectuais, e a educação dos sentidos. Os alunos tem direito de ter acesso à cultura corporal de movimento e devem fazer valer esse direito.

A meu ver, a pesquisa foi muito satisfatória e apresentou resultados significativos para o reconhecimento e a legitimação do ensino da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos.

## REFERÊNCIAS

BETTI, Mauro. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Editora Movimento, 1991.

BRACHT, Valter. **Educação Física e escola**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e à Distância, 2009.

CARVALHO, Rosa Malena de. Corporeidade e Experiência: potencializando a Educação de Jovens e Adultos(EJA). In. SAMPAIO, Mariza Narciso; ALMEIDA, Rosilene Souza (Org.). **Práticas de Educação de Jovens e Adultos: Complexidades, desafios e propostas**. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE. **Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos**. Câmara de Educação Básica Parecer nº 11/2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LEI Nº 9.394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 27 out. 2010.

LEI Nº 10.793, 1º de dezembro de 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.793.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.793.htm). Acesso em: 2 nov. 2010.

LOPES, Selva P. e SOUSA, Luzia S. EJA: Uma Educação Possível Ou Mera Utopia? **Revista Alfabetização Solidária**, v. 5, 2005. Disponível em: [http://www.cereja.org.br/pdf/revista\\_v/Revista\\_SelvaPLopes.pdf](http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf). Acesso em: 13 nov. 2010.

LUDKE, Menga e ANDRE, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, Cláudio Márcio. Os sujeitos da EJA e suas corporeidades: reflexões a partir de experiência do Projeto de Educação de Trabalhadores. In: NUNES, Adrilene Marize Muradas. **Projeto de Educação de Trabalhadores: pontos, vírgulas e reticências - um olhar de alguns elementos da EJA através do ensimesmo do PET**. Belo Horizonte , 2009, p. 141-162.

PARECER CEB nº 11/2000. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11\\_2000.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf). Acesso em> 05 abr. 2010.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – EDUCAÇÃO FÍSICA. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso em: 16 out. 2010.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PROPOSTA CURRICULAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA JOVENS E ADULTOS. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol3\\_edufisica.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol3_edufisica.pdf). Acesso em: 06 set. 2010.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação física: raízes européias e Brasil**. Campinas, Autores Associados, 1994.

\_\_\_\_\_. Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade . **Rev. paul. Educ. Fis.**, São Paulo, supl.2, p.6-12, 1996.

VIEIRA, Maria Clarisse. **Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos**. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

## ANEXO 1

### EMENTAS PROEF II – EDUCAÇÃO FÍSICA

**Ementa:** Apresentação, problematização e vivências das experiências corporais construídas ao longo da história. Compreensão do corpo como representação de diversificadas culturas, marcado por múltiplos sentidos e significados. Ressignificação da presença desse corpo no mundo e dos símbolos que ele expressa. Reconhecimento do direito ao corpo no espaço escolar.

#### Proposições das temáticas

- *Turmas iniciantes - Tema Identidade*

##### Relação corpo-passado

- Encontros que busquem proporcionar ao grupo uma percepção do corpo enquanto reflexo de uma identidade construída ao longo da história de cada um;
- Reconhecimento da diversidade e da similaridade da trajetória desses corpos;
- Retomada das memórias do passado e compreensão dessa fase da vida como momento constituinte dessa identidade (individual e coletiva);
- Vivências de práticas corporais presentes na história desses sujeitos;
- Resgate do brincar na fase adulta;
- Realização de dinâmicas, jogos e brincadeiras que possibilitem a interação entre o grupo;

Relação corpo-trabalho - corpo como condição essencial ao trabalho carregado com seus jeitos e trejeitos que constituem a(s) identidade(s);

- Saúde no trabalho

##### Relação corpo-espaço (lugar de origem/ local onde vive)

- Percepção e vivências das manifestações corporais características dos espaços/ cidades com as quais eles possuem relação;

*Turmas em continuidade - Tema: Sociedade e Consumo*

- Presença do corpo na sociedade em suas várias dimensões, como: corpo-mercadoria, corpo-objeto, corpo estrutura refém da publicidade, da religião, da ciência;

- Contrapor essas dimensões com uma compreensão do(s) corpo(s) enquanto corpo(s) social(is) capaz(es) de reconhecer a importância de sua(s) presença(s) para o coletivo;

- Consequências provocadas pelos valores transmitidos pela mídia em relação aos padrões corporais;

- Realização de um desfile que traz em seu bojo a crítica aos padrões transmitidos pela mídia, revelando sua variabilidade dando destaque à diversidade de corpos.

- A mídia e a Educação Física;

- Problematizar o discurso da mídia a respeito da atividade física;

- O que a mídia não diz sobre a Educação Física e sobre as diversas manifestações corporais;

- O que a mídia valoriza em relação à Educação Física (Quais são os esportes mais transmitidos? Quais são as influências da mídia no estabelecimento das regras de determinados esportes?);

- As marcas esportivas (Quais são as mais famosas? Onde são produzidas?)

• *Turmas concluintes - Tema: Vidas Urbanas*

O lazer no espaço urbano

- O que é lazer? – dimensão subjetiva do termo;

- Origem do termo lazer;

- Tempo de trabalho X tempo de lazer;

- Tempo livre e lazer;

- Atividade física e lazer;

- Entendimento de lazer enquanto direito social;

- O lazer - indústria cultural;

- A indústria do lazer e a qualidade de vida;
- Individualismo e Stress na vida urbana: espaços de lazer e convivência;
- A influência da mídia nos padrões de comportamento da cidade: ética e estética;
- O lazer dirigido e o lazer como escolha;
- Os espaços de lazer na cidade (Onde estão localizados? Em que bairros? Quais são as diferenças entre esses espaços?);
- Atividades em espaços da cidade: piquenique no Parque Ecológico e outras possibilidades.

#### Relação Lazer-Esporte

- Origem Esporte Moderno;
- Esporte como fenômeno contemplativo;
- O esporte em diversas abordagens (sociológica, antropológica, histórica, fisiológica, biomecânica, política, técnica/tática);
- Visitas a estágios e ginásios esportivos.

## **ANEXO 2**

### **EMENTAS PROEF II – TEATRO**

#### **INICIANTE**

Iniciação à linguagem teatral por meio dos Jogos Teatrais. Consciência e construção dos movimentos corporais na busca de um corpo expressivo. Consciência e possibilidades do uso da voz para uma experimentação cênica. Apreciação de trabalhos artísticos, de estéticas variadas, para ampliação do repertório cultural dos educandos.

#### **CONTINUIDADE**

Estudo e apreciação do fazer teatral para despertar uma consciência social e política, que busque o não-condicionamento das práticas cotidianas vivenciadas pelos sujeitos. Experimentação da linguagem adotada pelo Teatro Épico e pelo Teatro do Oprimido. Uso do texto (dramático e não-dramático) como modelo de ação.

#### **CONCLUINTE**

A pluralidade de criação na cena contemporânea. A experimentação do corpo e da voz em espaços alternativos. A utilização das novas tecnologias para a elaboração cênica. Visualização deste fazer artístico ao vivo, bem como através das novas mídias.

### ANEXO 3

#### Questionário

- 1) Você se sente à vontade nessa escola? Por quê?
- 2) E fora da escola, quais são os espaços que você se sente confortável?
- 3) Você esperava encontrar a Expressão Corporal (Educação Física e Teatro) no seu retorno à escola? O que você achou disso?
- 4) Você participa das aulas de Expressão Corporal sempre? Se não, quais os motivos para não participar?
  - ( ) vergonha
  - ( ) preguiça
  - ( ) limitações físicas
  - ( ) religião
  - ( ) outros quais? \_\_\_\_\_
- 5) Você se sentiria mais à vontade se as aulas de Expressão Corporal ocorressem separadamente para homens e para as mulheres? Por quê?
- 6) O que você menos gosta nas aulas de Expressão Corporal? E o que você mais gosta? Por quê?
- 7) Você acha que a Educação Física lhe ajudou a ter uma relação diferente com o seu corpo? Por quê?  
E o Teatro?

**Obrigada!**

## **ANEXO 4**

### **Roteiro de Entrevista**

#### **INFÂNCIA**

- Onde nasceu?
- Estudou? Ou tinha que trabalhar?
- Tinha tempo para brincar?
- Com quantos anos parou de estudar?

#### **ESCOLA**

- Como era sua escola?
- Gostava de lá? Por quê?
- Tinha aulas de Educação Física? Como eram?

#### **RETORNO À ESCOLA**

- O que motivou a voltar a estudar?
- Gosta do PROEF?
- O que acha das aulas de Expressão Corporal?